

Aristóteles talvez tenha sido o primeiro autor a pensar a arte como recriação da realidade, mais especificamente, como a imitação da vida interior dos homens, seus comportamentos e angústias. A mimese, tal como a definiu o filósofo grego, pode aplicar-se ao teatro. Então, o teatro como forma que imita e reinventa o mundo dos homens, implicaria um apresentar de realidades subterrâneas, mas também o encorajamento de posturas e a materialização de projetos. É assim que podemos ver o teatro como forma consistente de representação da vida, que potencializa a existência e confere relevo às contrariedades e idiosincrasias humanas.

Enquanto farsa e comédia, o teatro provoca o riso daqueles que se reconhecem nas situações encenadas, com isso percebem novas perspectivas, que muitas vezes fazem ver o ridículo, revelam obviedades e impossibilidades. Muitas vezes essas novas perspectivas nos colocam em conflito e convocam nossas ações, outras vezes, o riso, por divertir, nos faz acomodar e esquecer. Quando drama e tragédia, o teatro evidencia o horror da existência e as consequências da difícil sociabilidade. Ante o trágico, somos convidados a pensar a realidade e a reconstruí-la. Na Grécia antiga, a tragédia servia para a formação de saberes civis próprios ao cidadão. É nesse sentido que autores como Brecht e Artaud podem ser incluídos entre aqueles que realizam a política através da arte, pois consideram o teatro como uma arma capaz de mudar o real. Assim também é o *teatro do oprimido*, ao requisitar um improviso diante do conflito, ao forçar o pensamento diante de situações difíceis e delicadas.

São muitas as possibilidades de ser enxergar o lado político do teatro. E não é outro o intuito deste número da Revista Aurora que procura trazer algumas discussões sobre o tema, contribuindo para a compreensão dessa

forma de arte, reconhecendo-a em suas potencialidades políticas em diferentes contextos. Assim, o artigo de Guilherme Arruda Aranha recupera a famosa tragédia de Sófocles, *Antígona*, dando relevo crítico às interpretações usadas pelos juristas. O professor da Universidade Federal de Sergipe, Thiago Ranniery Moreira de Oliveira faz uma análise da cultura popular nordestina, a partir do estudo de sete espetáculos de teatro de rua. As políticas culturais, bem como as formas de resistência dessa forma de expressão popular, são alguns dos aspectos tratados pelo autor.

A professora Maria Silvia Betti, da Universidade de São Paulo, discute a presença de Tennessee Williams no Teatro de Arena através da recepção da peça *O demorado adeus*. O texto, além de lançar luz para a dramaturgia do autor, nos permite uma visão panorâmica do que ocorria no teatro brasileiro na metade do século XX. Rafael Araújo e Rafael Balseiro Zin fazem um ensaio sobre a obra de Artaud a partir de suas cartas e suas reflexões sobre o papel político de seu teatro. Da sessão de entrevista participou Rodolfo García Vázquez, diretor do grupo de teatro "Os Satyros", que indagado pelo professor Eduardo Viveiros, deixou ver um pouco da riqueza do trabalho desenvolvido pelo grupo e algumas de suas preocupações políticas. Seguindo e aspirando a temática *Aurora* ainda publica a poesia de Dennys Silva Reis, *Teatlítica*. No mesmo sentido, as imagens de Cristina Maranhão registram o espetáculo da Cia Circo Mínimo e Talita Alcalá Vinagre e Syntia Pereira Alves registram, respectivamente, por meio de texto e fotos as *Aulas-teatro* realizadas pelo Núcleo de Sociabilidade Libertária da PUC-SP.

Além, para que alimente e conclua as reflexões do número, registra-se a coluna de Miguel Chaia que recupera três dos principais autores que tratam do teatro e da política: Brecht, Artaud e Shakespeare.

O número traz também resenha de Genira Chagas sobre o livro *Regulação das comunicações: história, poder e direitos* de Venício Artur de Lima, recentemente publicado.

Para além desse rico conteúdo, a Revista *Aurora* inova em 2012 ao apresentar novo projeto gráfico que pretende tornar a leitura dos textos, notas e referências mais fácil e agradável. Modifica, ainda, sem prejuízos de sua periodicidade, o bloco quadrimestral que compreende seus volumes: assim,

com o objetivo de melhor se adequar ao período letivo acadêmico brasileiro, lançará, a partir desta edição, o primeiro número de cada ano no mês de fevereiro, o segundo no mês de junho e o terceiro e o último do ano no mês de outubro.

No mais, boa leitura.

*Os editores*